

## MÉDIAS E O LICENCIAMENTO DE LEITURA GENÉRICA

Morgana Fabiola Cambrussi<sup>1</sup> (UFT)

### INTRODUÇÃO

Dentre as dicotomias que se convencionou estabelecer em Linguística está o contraste médias *versus* ergativas. Essa oposição busca distanciar, desde a derivação, construções como

- (1a) Seu cabelo alisa fácil.
- (1b) Seu cabelo alisou.

a primeira classificada como média e a segunda, como ergativa. Entre outros trabalhos, Fagan (1988) e Keyser e Roeper (1984) debatem acerca de quais propriedades podem, efetivamente, diferenciar as construções em (1a) e (1b) e acerca da natureza do processo de derivação dessas construções, se lexical ou sintático. Uma das propriedades consideradas diferenciadoras é definida por Fagan (1988) como *leitura de genericidade para o agente implícito*, e essa propriedade estaria disponível apenas para construções médias.

Este trabalho aproxima sua discussão daquela proposta por Fagan e intenciona investigar (i) se a genericidade é um traço disponível para médias também em Português do Brasil (PB), (ii) se se mantém em médias construídas em tempos verbais distintos do presente atemporal, (iii) se a propriedade [+genérico] estaria disponível também para o tema em posição de sujeito da construção Média, o que acarretaria, em casos específicos, uma leitura de dupla genericidade.

### 1 A GENERICIDADE DE CONSTRUÇÕES MÉDIAS ALÉM DO TEMPO VERBAL PRESENTE

Fagan (1988) sustenta que sentenças médias, além de serem estativas, possuem ocorrência restrita ao tempo verbal presente, sob pena de se perder a genericidade expressa por essas construções se realizadas em outro tempo verbal. Em análise semelhante, Keyser e Roeper (1984) consideram que há, entre as propriedades que distinguem médias de ergativas, evidências de que as primeiras não ocorrem no pretérito nem na forma progressiva.

Entretanto, o que os exemplos abaixo atestam é que construções médias podem, sem qualquer prejuízo à genericidade da construção, ocorrer em outro tempo verbal que não o presente, desde que se mantenham as mesmas características da construção no presente – a expressão de uma propriedade intrínseca, mas válida para um momento de referência passado:

- (2a) **Atualmente**, a roupa lava bem **com sabão industrial**. (média, presente)
- (2b) **Antigamente**, a roupa lavava bem **com sabão de soda**. (média, pretérito)
- (2c) **Antigamente**, aipim cozinhava rápido. (média, pretérito)
- (2d) **Antigamente**, este lápis apontava fácil. (média, pretérito)
- (3a) Esta camisa secava lentamente. (ambígua)
- (3b) **Enquanto esperava para vesti-la**, esta camisa secava lentamente. (ergativa)
- (3c) **Esta camisa secava lentamente**, hoje seca num instante. (média)

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e docente pela Universidade Federal do Tocantins. Contato: [morganacambrussi@yahoo.com.br](mailto:morganacambrussi@yahoo.com.br).

Ao contrário do que sustentam Fagan (1988) e Keyser e Roeper (1984), há evidências em (2) e (3) de médias morfologicamente marcadas no pretérito. Em (2a), expressa-se que *para qualquer agente x, se atualmente x lavar a roupa com sabão industrial, x o fará bem* – esse exemplo ilustra exatamente o que expõem os autores: possui leitura genérica para agente implícito e está no tempo verbal presente. Mas se pôde observar que o pretérito imperfeito realizado em (2b) não impede a sentença de expressar genericidade para o agente implícito, pois tem como leitura: *para qualquer agente x, se antigamente x lavasse a roupa com sabão de soda, x o fazia bem*. Nessa direção também convergem (2c) e (2d), entretanto, (2c) não é idêntica à antecedente e à consequente, pois parece expressar genericidade não só para o agente implícito como também para o tema em posição de sujeito. Há, para (2c), duas leituras simultâneas de genericidade: a) *para qualquer agente x, se antigamente x cozinhasse aipim, x o faria rápido*; b) *para qualquer agente x, se x é aipim, antigamente x era cozido rápido/rapidamente*.

O que parece estar envolvido na dupla genericidade de (2c) é a configuração estrutural do SN tema. Enquanto em (2b) e (2d) o tema está configurado na forma de SN pleno, em (2c) o tema é um SN nu, o que licenciaria a leitura genérica sobre todos os integrantes da classe referenciada pelo tema. Essas diferenças de SNs, relacionadas com a leitura de genericidade simples e com a leitura de dupla genericidade, serão discutidas na seção subsequente, mas se destaca que, nos exemplos (4a-e) abaixo, além de ocorrerem no tempo verbal pretérito, as construções médias possuem tema com configuração de SN pleno e a única possibilidade de leitura genérica se dá para o agente implícito. Isso reforça a afirmação de que é pelo tema em forma de SN nu que se licencia a dupla leitura de genericidade.

(4a) Comprou telas, cavaletes, tintas e começou a explorar as possibilidades de que dispunha. Inicialmente, pintava com tinta acrílica à base de água, mas desistiu dessa técnica porque **a tinta secava rápido demais**.<sup>2</sup>

(4b) Tinha um cara que consertava as minhas pranchas e quando era só tequinhos pequenos ele usava **uma massa cinza que secava bem rápido**, e fazia o serviço direitinho, não sei se era esse tal de POXIPOL. Se for isso, Paulo, pode usar que é o bicho para "pequenos" consertos...<sup>3</sup>

(4c) ai não sei o que está acontecendo com **o meu PC** .....antes eu clicava em um arquivo **ele**<sup>4</sup> **abria rápido**.. Mais agora clico em um arquivo ele demora um pouco para abrir ...<sup>5</sup>

(4d) Mas **a portinhola do lado abria fácil**, por dentro, como outro morador explicou com presteza.<sup>6</sup>

(4e) Lembram a Folha de São Paulo. O logotipo (é assim que se diz?) é o mais simples possível: o nome, um traço vermelho e a data. Só. Aqui também era. **A página abria rápido**. Etc. Agora vejam só, tentando ser modernos e webmasterianos, os gerentes do site estão enfeando a coisa.<sup>7</sup>

<sup>2</sup> <http://www.redesergipedecultura.com.br/ler.asp?id=43&titulo=noticias>, acesso em 21/11/2006.

<sup>3</sup> <http://www.windsurfmania.com.br/wsm/disc/dispthre.asp?an=2257&pn=25&ss=TODAS+MENSAGENS>, acesso em 21/11/2006.

<sup>4</sup> Há ambiguidade nesta sentença, pois o pronome anafórico *ele* possui dois antecedentes possíveis. Assume-se que, neste exemplo, o pronome anafórico *ele* retoma *arquivo*, não *PC*. Caso se considerasse a leitura em que o pronome retoma *PC*, a construção seria transitiva com apagamento do objeto, e não média, como foi considerada nesta análise.

<sup>5</sup> <http://www.babooforum.com.br/idealbb/view.asp?topicID=282195&pageNo=1>, acesso em 21/11/2006.

<sup>6</sup> [http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO\\_20030309/pri\\_opi\\_090303\\_196.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030309/pri_opi_090303_196.htm), acesso em 21/11/2006.

<sup>7</sup> <http://www.projetoockham.org/cgi-bin/yabb/YaBB.cgi?board=outros;actionfiltered=display;num=110968>, acesso em 21/11/2006.

Voltando às sentenças em (3a-c), é perceptível a ambiguidade presente em (3a) entre uma leitura eventiva e outra estativa. Para a leitura eventiva, tem-se a construção ergativa representada em (3b), já para a leitura estativa, tem-se a média representada em (3c). Nesses exemplos, o que vem à tona é a interferência do tipo de modificador na interpretação da estrutura. No caso de *lentamente*, tanto se pode ter uma orientação para evento quanto para estado. Já modificadores do tipo *bem* e *fácil/facilmente* orientam para leitura estativa e não resultam em construções ambíguas.

Os exemplos abaixo, com os modificadores *bem* (5a-d) e *fácil* (6a-b), ilustram com clareza a leitura estativa para qual orientam. Nesses casos, ainda que se dispensasse o contexto linguístico de que se dispõe, poder-se-ia perceber que apresentam estruturas médias construídas no pretérito.

(5a) **O baú não fechava bem?** Esse Mario Kenji é uma desonra a etnia. Ele nem viu o baú. Deu lance errado. Infelizmente existe usuários irresponsáveis como ele.<sup>8</sup>

(5b) **Das janelas da cozinha**, que eram duas, **só uma fechava bem**; a outra era atada com um pedaço de corda.<sup>9</sup>

(5c) **A tampa da bateria não fechava bem**, o botão de cima on/off/hold, o disco rígido e o plug dos fones estragavam-se muito facilmente...<sup>10</sup>

(5d) **Porta do lado do condutor não fechava bem** (resolvido).<sup>11</sup>

(6a) **A linha era fina e quebrava fácil** – não havia perigo de um tropeção mais grave.<sup>12</sup>

(6b) É isso aí. Tinha ouvido que **essa peça** (controle de playstation) **quebrava fácil**, e ela quebra mesmo.<sup>13</sup>

Por outro lado, a média de (7), que envolve o modificador *rápido*, é dependente do contexto linguístico em que está para assumir leitura estativa. Caso estivesse em outro contexto, como (8), essa construção cederia lugar à ergativa, com interpretação eventiva:

(7) Alguns dizem que a crepe nasceu quando uma mulher acidentalmente derramou um pouco **deste mingau** no fogão e percebeu que **ele cozinhava rápido**, era fácil de virar e, principalmente, era delicioso!<sup>14</sup>

(8) Enquanto Maria mexia a panela com este mingau, **ele cozinhava rápido**.

Ainda quanto à genericidade de construções médias fora do tempo verbal presente, Rodrigues (1998, p.123) afirma que, para o português do Brasil, é possível que estruturas médias sejam construídas no pretérito imperfeito sem perder a interpretação genérica, mas nessas construções a referência genérica se dá no passado. Dessa forma, a autora exemplifica que em *Aqueles canos furavam facilmente* há descrição de uma propriedade indiferente ao tempo, cuja dependência é a existência da entidade *canos*, em questão.

Assim como Rodrigues (1998), assume-se que construções médias mantêm a genericidade e a leitura de propriedade intrínseca do tema tanto no presente quanto no pretérito imperfeito. Mas, diferentemente desta autora, não se assume que a referência genérica se dá somente no passado. Antes, essa referência expressa pelo menos duas situações distintas: *a*) a referência genérica é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente (*Esta camisa secava bem*, hoje seca mal); *b*) a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea

<sup>8</sup> <http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=588544>, acesso em 21/11/2006.

<sup>9</sup> <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/so.htm>, acesso em 21/11/2006.

<sup>10</sup> <http://enektor.com/viewthread.php?tid=385&page=1>, acesso em 21/11/2006.

<sup>11</sup> [http://forum.autohoje.com/topic.asp?ARCHIVE=true&TOPIC\\_ID=71673](http://forum.autohoje.com/topic.asp?ARCHIVE=true&TOPIC_ID=71673), acesso em 21/11/2006.

<sup>12</sup> <http://garotasquedizemni.ig.com.br/archives/000559.php>, acesso em 21/11/2006.

<sup>13</sup> <http://forum.gamesbrasil.com.br/archive/index.php/t-17960.html>, acesso em 21/11/2006.

<sup>14</sup> <http://www.crepequeri.com.br/crepequeri/index.php>, acesso em 21/11/2006.

ao presente (caso de (7), cuja interpretação de propriedade intrínseca do tema é válida para o passado e para o presente: *cozinhar rápido* é propriedade do mingau de crepe desde sua descoberta até hoje).

Em nota, Rodrigues (1998, p.124) expõe que a ocorrência de construções como *Esses carros estão vendendo bem* pode sugerir que a média no português seja compatível com o presente contínuo sem interpretação de propriedade. Mas, segundo a autora, o caso é que verbos como *vender* formam construções médias e ergativas, estas últimas não possuem interpretação de propriedade, portanto, é justamente pela ausência de marcação de propriedade intrínseca do tema que a construção *Esses carros estão vendendo bem* é ergativa, não média.

Entretanto, observa-se que perífrases verbais com *estar –NDO* e *ter –DO* também formam construções médias: *a) O feijão verde está cozinhando fácil, b) O feijão verde tem cozinhado fácil, c) O feijão verde cozinha fácil*. Tanto a construção no presente simples em *c)*, com configuração média já fartamente estudada neste trabalho, quanto as construções em presente progressivo (as perífrases em *a)* e em *b)*) possuem mesma leitura média. Há, similarmente nos três casos, as condições necessárias para formar construção média: tema em posição de sujeito, interpretação de propriedade intrínseca para o tema, agente implícito, genericidade orientada para agente implícito e estatividade.

O que vem à tona é que construções envolvendo perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*, a exemplo de *a)* e *b)* acima, são ambíguas entre uma leitura estativa – média – e uma leitura eventiva – ergativa –, e não essencialmente eventivas (ergativas) como sustenta Rodrigues (1998). Sendo assim, inclui-se o presente progressivo (perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*) entre os tempos verbais formadores de construções médias, no qual a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui.

É interessante explicitar que não só pretérito imperfeito, as perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO* e o presente simples podem servir à formação de construções médias, como pode estar parecendo. Há casos em que os pretéritos perfeito e imperfeito são tomados como equivalentes na descrição de uma mesma situação, principalmente em linguagem utilizada nas situações informais de comunicação:

(9a) Quando era pequena, minha filha brincava, estudava e fazia muita bagunça.

(9b) Quando era pequena, minha filha brincou, estudou e fez muita bagunça.

A exemplo do que ocorre nos casos de (109), em que pretérito perfeito e imperfeito tem o mesmo valor, também há possibilidade de se realizar construções médias com pretérito perfeito e aspecto pontual, conforme os exemplos em (110a) e (110c), nos quais os usos do perfeito são equivalentes ao que se descreve através do imperfeito.

(10a) Essa camisa secou fácil, não seca mais.

(10b) Essa camisa secava fácil, não seca mais.

(10c) Livros venderam muito bem, não vendem nada agora.

(10d) Livros vendiam muito bem, não vendem nada agora.

Em todos esses casos, o que está refletido no tempo verbal, seja no perfeito ou no imperfeito, não é um evento episódico, antes, é a expressão de uma referência genérica que é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente. Essa análise, referida mais acima, está de acordo com as observações que Rodrigues (1998) fez acerca de médias formadas no pretérito imperfeito, entretanto, afirmou-se também a possibilidade de médias no pretérito imperfeito possuírem referência genérica anterior ao presente, incluindo-o, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea ao presente.

Para essa segunda situação, em que a referência genérica é anterior ao presente e o inclui, parece haver restrições quanto às formações de médias no pretérito pontual, como a exigência de *sempre* ou expressões que reforcem a generalidade, a exemplo de *desde que me conheço por gente*, *desde que o mundo é mundo*, entre outros:

(11) Esse aipim sempre cozinhou bem.

(11) Desde que o mundo é mundo, esse corte de seda (sempre) vestiu bem.

Quanto ao aspecto, em seção anterior, tomou-se emprestado de Travaglia (1994) a noção de não atualização de aspecto que o autor adota para sentenças que expressam “verdades permanentes”, a exemplo das construções médias, pois se considerou que estas construções eram incompatíveis com uso progressivo e que apenas os casos em que ocorriam no presente atemporal – um uso gnômico, portanto – resultavam em boas formações. Como, nesta altura do trabalho, já se mostrou que o tempo verbal presente não é restrição para a realização de médias e que estas são compatíveis com perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*, cabe discutir se se mantém a noção de não atualização de aspecto também para os casos em que estas construções se apresentam no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito com valor de imperfeito e nas perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*.

Como ilustram os exemplos em (10a-d), a categoria aspecto é claramente atualizada tanto para médias com uso do pretérito imperfeito quanto para construções médias com uso do pretérito perfeito. Nos quatro casos, é possível fazer referência à marca de duração da genericidade expressa pela construção. Em (10b) e em (10d), ambas as construções apresentam aspecto *imperfectivo* e *acabado*, relação entre aspectos que Travaglia (1994) aponta como possível para verbos estativos ou atélcos. Se médias imperfectivizadas se comportam de forma semelhante aos verbos de estado (como em *João era professor*) tem-se mais uma evidência de que são estativas. Em (10a) e (10c), também se tem aspecto *acabado*, mas, desta vez, associado ao *perfectivo*, que marca a situação de forma completa, sem referência a partes, mas ao todo (começo, meio e fim estão englobados).

Retomando os exemplos de (2b-d), a marcação adverbial *antigamente* associada ao verbo no pretérito imperfeito evidencia a imperfectização das construções e relaciona os aspectos *imperfectivo*, *habitual* e *acabado*. Esse realce de aspecto provocado pelo advérbio é comum e, segundo Travaglia (1994, p. 272), “não há qualquer dúvida de que os adjuntos adverbiais têm muito a ver com o aspecto”. Em (7), em que não há um advérbio do tipo de *antigamente*, diferentemente de (2b-d), atualiza-se aspecto *imperfectivo*, *habitual* e *começado*, ou seja, *não-acabado*, deixando implícito que a atualização dos aspectos *acabado* e *começado* apresenta fortes relações com a formação adverbial. Em todos os exemplos desta seção em que se tem aspecto *perfectivo* ou *imperfectivo*, as construções médias apresentam também aspecto *habitual*, nos casos de perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO* houve atualização do aspecto *durativo*, e isso direciona as considerações sobre a atualização da categoria aspecto nessas construções.

É importante deixar explícito, neste ponto, que em nenhum dos casos de média fora do tempo verbal presente se perdeu a leitura genérica e de propriedade intrínseca, mas, ao contrário das considerações de Costa (1990, p.35) de que construções genéricas são sempre perfectivas, esses casos mostram que construções genéricas podem ser imperfectivizadas e, ainda, o aspecto *imperfectivo* pode se combinar com aspectos outros como *acabado* e *começado*, a exemplo de construções com verbos de estado, e, recursivamente, com aspecto *habitual*.

O que emerge desta discussão é que, ao contrário do que sustenta a bibliografia sobre o assunto: a) médias não estão restritas à formação com verbo no presente, podem ocorrer no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito com valor de imperfeito (quando essas formas verbais mantêm as características do enunciado no presente) e em perífrases com *estar –NDO* e *ter –DO*; b) atualizam aspecto quando não estão construídas no presente simples e não o atualizam quando estão no presente simples; c) e, em todas essas possibilidades, não perdem a leitura de realce para a propriedade intrínseca do tema e a genericidade envolvidas na formação da construção média.

## 2 GENERICIDADE: UMA PARTICULARIDADE DAS CONSTRUÇÕES MÉDIAS

Na seção anterior, iniciou-se uma discussão em torno da possibilidade de construções médias expressarem dupla genericidade ou genericidade simples, o que ilustram, respectivamente, (12a) e (12b):

(12a) Lápis aponta fácil.

(12b) Este lápis aponta fácil.

Nesse ponto, afirmou-se que, pelo menos no que se apresentava como mais evidente, o que parece estar envolvido na alternância entre genericidade simples ou dupla é a configuração estrutural do SN tema em posição de sujeito. Para (12a), que possui SN nu, há as leituras: **a)** *para qualquer x, se x é lápis, x é facilmente apontado*; **b)** *para qualquer agente x, se x apontar lápis, x o fará fácil/facilmente*. Enquanto para (12b), que possui SN pleno, há apenas a leitura *para qualquer agente x, se x apontar este lápis, x o fará fácil/facilmente*. Ou seja, pelo que se observou, médias com SN nu em posição de sujeito orientam para leitura de dupla genericidade (a genericidade incide sobre o tema em posição de sujeito e sobre o agente implícito), ao passo que médias com SN pleno em posição de sujeito orientam para leitura simples de genericidade, a qual incide somente sobre o agente implícito.

Saraiva (2001) toma como SN nu aquele que em sua configuração estrutural é constituído apenas por nome comum, sem determinantes ou modificadores de qualquer tipo. Segundo a autora, que desenvolve um estudo acerca do objeto incorporado no português, o SN nu diferencia-se semanticamente do SN pleno por este apresentar o traço [+foco nos membros integrantes da classe] e poder apresentar os traços [+ ou - identificável] e [+ ou - quantificação universal], ao passo que o SN nu apresenta a negação de todos estes traços. Estes SNs são: [- foco nos membros integrantes da classe], [- identificável] e [- quantificação universal].

No trabalho de Saraiva (2001), analisam-se construções do tipo *trocar fralda* e *fazer mamadeira*, em que o SN nu está em posição adjacente ao verbo e tem função classificadora com relação à ação ou processo expresso por ele, por isso os traços [- foco nos membros integrantes da classe] e [- quantificação universal]. Em construções médias com SN nu, como *a) Aipim cozinha fácil*, considera-se que o foco não está nos membros integrantes da classe, mas na classe e na propriedade intrínseca que se lhe atribui (diferentemente de *b) Este aipim cozinha fácil*, por exemplo). Contudo, na média em *a)*, expressa-se que *para todo x, se x é aipim, x é facilmente cozido*, logo, há o traço [+ quantificação universal], enquanto a média em *b)* é [- quantificação universal] – diferença de traços estabelecida a partir da configuração estrutural do SN tema em posição de sujeito. É, sem dúvida, o traço [- foco nos membros integrantes da classe] que direciona a análise à consideração de que são SNs nus que licenciam a dupla genericidade em construções médias, também por eles próprios carregarem valor genérico e estarem fortemente direcionados às construções genéricas.

Em contrapartida à restrição à configuração estrutural de SNs nus para expressar genericidade para tema em posição de sujeito, Müller (2001, p. 154), a respeito da genericidade no português, observa que se pode expressá-la através do uso de SNs de configuração estrutural com definido genérico (singular e plural), com indefinido genérico, com singular nu e com plural nu. A autora exemplifica, à mesma página, com:

(13a) O automóvel chegou ao Brasil no século XX. – definido genérico singular

(13b) As cobras são animais perigosos. – definido genérico plural

(13c) Um número par é sempre divisível por dois. – indefinido genérico

- (13d) Homem não chora. – singular nu  
 (13e) Professores trabalham muito. – plural nu

Em se tratando de médias, observe-se:

- (14a) O adesivo gruda facilmente.  
 (14b) Os adesivos grudam facilmente.  
 (14c) Os adesivo gruda fácil. (linguagem coloquial)  
 (14d) Um adesivo gruda facilmente.  
 (14e) Adesivo gruda facilmente.  
 (14f) Adesivos grudam facilmente.

Como se pôde ilustrar nos casos de (14a-f), as sentenças médias do português podem ser construídas, sem prejuízo para a genericidade, tanto envolvendo os definidos genéricos (singular e plural), quanto a forma indefinida e as formas singular nu e plural nu. Mas, para isso, é preciso que se dispense a (14a), (14b) e (14c) tratamento semelhante ao dispensado por Müller a (13a) e (13b), nos quais os artigos definidos (singular e plural) possuem interpretação genérica, já que levam à referência à classe *automóvel/cobras/(adesivo em (14a-c))* e não possuem o foco em membros integrantes específicos da classe. Caso se considerasse que o foco está em membros específicos, não haveria leitura de genericidade para o tema em posição de sujeito de (14a-c), apenas para agente implícito.

Nos exemplos de (14d-f), apesar de também haver tema em forma de SN pleno em (14d), parece ser mais transparente a leitura de genericidade para o tema em posição de sujeito que nos casos de (14a-c). Como já se vinha formulando anteriormente, a indefinição do SN, seja por meio da forma indefinida ou da forma nu (singular e plural), favorece a ocorrência de dupla genericidade na formação de construções médias.

Essa constatação está em acordo com Müller (2001, p.156), que estabelece duas generalizações sobre a expressão da genericidade no português. A primeira considera que “o definido genérico singular e o definido genérico plural são expressões de referência a espécie”. A segunda considera que “o indefinido genérico, o singular nu e o plural nu não denotam espécie. Sua genericidade deve provir de sua participação em sentenças genericamente quantificadas”.

Nesses termos, se se tomarem médias cujo tema é composto por SN contável, com indefinido singular ou com a forma nu (singular e plural), como (15a-c), é possível formalizar a operação quantificacional envolvida nas construções com base em (16), inspirada em Müller (2001, p.159):

- (15a) Uma camisa veste bem.  
 (15b) Camisas vestem bem.  
 (15c) Camisa veste bem.  
 (16a) GEN [x] (x é camisa; x veste bem)  
 (16b) ‘Tipicamente, se x é camisa, então x veste bem’

em que a quantificação genérica produzida pelo operador abstrato *GEN* relaciona duas sentenças e seus argumentos, sendo que uma das sentenças é a *matriz* e outra é a *restrição*. A autora afirma que essa postura tem sido adotada por trabalhos recentes que se dedicam ao estudo da genericidade e ilustra com uma versão simplificada do que seria a operação *GEN* demonstrada em (17a-b):

- (17a) GEN [x;y] (Restrição [x]; Matriz [x,y]) = GEN [x] (Restrição [x];  $\exists y$  Matriz [x,y])  
 (17b) (‘Genericamente, se restrição x, então existe um y, tal que matriz x,y’)

Uma formalização como essa é capaz de explicar como o indefinido singular, o plural *nu* e o singular *nu* “adquirem seu significado genérico do fato de estarem participando de sentenças genericamente quantificadas nas quais suas variáveis são ligadas pelo operador *GEN*.” (MÜLLER, 2001, p. 159).

Müller segue seu estudo tratando das diferenças que há entre os tipos de indefinidos do português, aqui não se fará essa discussão, pois em qualquer dos casos de indefinição do SN tema com nome contável, em médias, adota-se a regra em (17a). Interessa, antes: **a)** discutir como ocorre a operação *GEN* nos casos em que o sujeito gramatical de médias é constituído por nome com possível interpretação de massa e **b)** discutir como ocorre a operação *GEN* orientada à leitura de genericidade para o agente implícito das construções.

Em casos como (18a-c), o nome núcleo do tema das médias é interpretado como não-contável, ou seja, apresenta leitura de massa.

(18a) Peixe cozinha rápido/ Peixes cozinham rápido/ \*Um peixe cozinha rápido.

(18b) Leite derrama facilmente/ Leites derramam facilmente/ \*Um leite derrama facilmente.

(18c) Cola seca rápido/ Colas secam rápido/ \*Uma cola seca rápido.

A agramaticalidade marcada nos casos de (18a-c), em que o SN possui indefinido singular, é resultado de uma interpretação de genericidade para esse SN. No caso de uma leitura não-genérica, em que *um* represente numeral ou seja um indefinido simples que não marca genericidade, tais exemplos seriam gramaticais. Essa observação estabelece uma primeira distinção dentro das formas de indefinição de SNs tema genéricos em construções médias: se o SN for formado por nome de massa, não aceita indefinido singular, ou seja, só ocorre na forma de SN *nu*, singular e plural. Nessas duas formas em que pode ocorrer, a genericidade é controlada pela mesma regra anteriormente expressa em (17a) que representa (18a) em (19a-b):

(19a) *GEN* [*x*] (*x* é peixe; *x* cozinha rápido)

(19b) ‘Tipicamente, se *x* é peixe, então *x* cozinha rápido’

Neste ponto, ainda falta estabelecer qual operação genérica está envolvida na leitura de genericidade para o agente implícito das construções médias, se se trata da mesma operação que envolve o SN tema ou se há uma operação mais abstrata. Vale lembrar, a este ponto, que a dupla genericidade ocorre em médias específicas, ao passo que a genericidade simples, orientada para o agente implícito, está presente em todas as construções médias, o que pode fazer crer que se trata de um tipo específico de genericidade, específico de médias.

Observe-se o caso presente em (20a), cuja leitura genérica está em (20b), cuja operação *GEN* sobre agente implícito está em (20c) e cuja leitura da operação *GEN* está em (20d):

(20a) Este volante gira fácil.

(20b) Para qualquer motorista *x*, se *x* girar este volante, *x* o fará fácil/facilmente.

(20c) *GEN* [*x*] (*x* é motorista; *y* é este volante; *x* gira *y* fácil/facilmente)

(20d) ‘Tipicamente, se *x* é motorista, *x* gira este volante fácil/facilmente’

O que ocorre em (20c) é que a variável *x* que entra no escopo na operação genérica abstrata *GEN* está ligada ao agente implícito da construção, não mais ao tema em posição de sujeito, como ocorreu em (16a) e (19a). Dessa forma, orienta-se a interpretação genérica para o argumento que não está realizado sintaticamente na construção média de (20a), mas que se mantém implícito e pode ser recuperado através da matriz lexical de *girar*, a qual prevê um argumento agente que será suprimido nos casos em que, através do apagamento sintático e da realização do tema em posição de sujeito da construção, for colocada em proeminência a perspectiva de mudança de estado, não a de desencadeamento de um processo.



Para os casos de média em que a única interpretação genérica disponível está orientada para o agente implícito ((20a)), a formalização disponível em (20c) parece satisfatória para explicar a interpretação genérica. Contudo, tome-se (21a), em que a dupla genericidade exige que se formalize duas generalizações distintas na mesma construção sintática:

(21a) Cerâmica limpa fácil.

Para esses casos, há, exemplificado em (21d), a proposta de formalização das leituras de genericidade de (21a), expressas por (21b) e por (21c). O que ocorre em (21d) é a operação *GEN* orientada para variáveis distintas, para *y* que representa o agente e para *x* que representa o tema.

(21b) Para qualquer *x*, se *x* é cerâmica, *x* é fácil/facilmente limpo.

(21c) Para qualquer agente *y*, se *y* limpar cerâmica, *y* o fará fácil/facilmente.

(21d) *GEN* [*y*] *GEN* [*x*] (*y* é um agente qualquer; *x* é cerâmica; *y* limpa *x* fácil/facilmente)

(21e) ‘Tipicamente, se *y* é um agente qualquer e *x* é cerâmica, *y* limpa *x* fácil/facilmente’

Quanto à proposta que se apresenta aqui, de interação entre operadores *GEN*, pode-se afirmar, com base em (21d), que não parece haver restrições para a interação entre a operação *GEN* [*y*] e a operação *GEN* [*x*], já que o argumento que está sob o escopo da primeira operação abstrata *GEN* mantém-se apagado na construção sintática da média em (21a); faz parte de sua interpretação, mas não é sintaticamente realizado. Já o argumento que está sob o escopo da segunda operação abstrata *GEN* é obrigatoriamente realizado na sintaxe, considerando-se o fato de que, em construções médias, destaca-se a perspectiva estativa de realização do evento expresso pelo predador verbal.

Há ainda outro caso de construção média a se considerar, aquele em que se realiza sintaticamente um agente menos prototípico, por meio de um sintagma agentivo/causativo, como exemplo: *Essa roupa lava fácil com sabão de soda*. Mesmo nesses casos em que se realiza um sintagma, claramente causativo, há apagado o agente que realiza a ação *lavar*, com instrumento *sabão de soda*. Para esse agente apagado, atribui-se o traço [+ humano] e opera-se *GEN* abstratamente.

São muitos os fatores que podem interferir na interpretação de genericidade que, sem dificuldades, os falantes atribuem às sentenças genéricas. Espera-se que, ao menos no que diz respeito às construções médias e suas leituras para agente implícito e tema, tenha sido possível apresentar uma formalização que, de maneira mínima, represente a intuição que naturalmente falantes têm acerca destas construções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise de dados do PB coletados na internet, a exemplo de (i) *Lápis quebra fácil*, (ii) *Este lápis quebra fácil*, (iii) *Aipim amarelo cozinhava fácil* e (iv) *Esse livro vendeu bem*, constatou-se:

- (1) Em todos os casos de médias do PB analisados, a propriedade de *leitura de genericidade para o agente implícito* estava disponível, a exemplo do que ilustram as construções de (i) a (iv): (i) *para qualquer agente x, se x quebrar um lápis, x o quebrará fácil/facilmente*; (ii) *para qualquer agente x, se x quebrar este lápis, x o quebrará fácil/facilmente*; (iii) *para qualquer agente x, se x cozinhasse aipim amarelo, x o faria bem*; e (iv) *para qualquer agente x, se x vendeu esse livro, x vendeu bem*.
- (2) Ao contrário do que previa Fagan (1988), médias não são restritas a ocorrer no presente atemporal, sob pena de perda da leitura de genericidade disponível para o agente implícito. Os exemplos (iii) e (iv) ilustram a expressão de genericidade disponível mesmo quando as construções estão em tempo pretérito. O caso (iii) implica a leitura *para qualquer agente x*,

*se x cozinhasse aipim amarelo, x o faria bem* e (iv) implica a leitura para qualquer agente *x*, *se x vendeu esse livro, x vendeu bem*, i.e., a expressão de genericidade para o agente implícito em construções médias do PB não é restrita aos casos em que essas construções ocorrem no presente atemporal, pois casos de médias construídas em tempo pretérito conservam a propriedade.

- (3) Em um conjunto específico de médias, foi possível identificar a codificação de uma leitura adicional de genericidade: para o tema em posição de sujeito. Esses casos, com genericidade disponível para o agente implícito e para o tema, foram tratados como *casos de dupla genericidade*. As construções (i) e (iii), acima, ilustram a dupla distribuição do traço [+genérico]: além da interpretação genérica orientada para o agente, (i) faz uma afirmação de propriedade válida para a classe representada pelo SN *lápiz*, assim como (iii) o faz para a classe representada pelo SN *aipim amarelo*, ainda que em pretérito. O que parece estar envolvido nos casos de dupla genericidade é a configuração estrutural do SN tema em posição de sujeito da construção. Quando o tema tiver a forma de SN pleno, apenas a genericidade para o agente implícito estará disponível; quando a configuração estrutural do argumento for de SN nu, então, haverá orientação para a leitura de dupla genericidade.

Neste estudo, evidenciou-se que a propriedade de *leitura de genericidade para o agente implícito*, proposta por Fagan (1988) para descrição de médias do inglês, estende-se às construções equivalentes em português. Quando à restrição temporal, diferentemente do que sustenta a autora, apresentam-se evidências de que a ocorrência de construções médias não está condicionada ao presente atemporal, o que se atesta com os casos de médias no pretérito sem prejuízo à genericidade da construção. Finalmente, outra leitura de genericidade fora identificada em construções médias cujo SN tema em posição de sujeito é composto apenas por nome comum, sem estar acompanhado por determinantes ou modificadores, chamado SN nu: a leitura de genericidade também para o tema. Neste último caso, as construções identificam-se pela leitura de dupla genericidade.

## REFERÊNCIAS

- CAMBRUSSI, M.F. **Médias e ergativas**: uma construção, dois sentidos. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COSTA, S. B. B. **O Aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.
- FAGAN, S. M. B. The English Middle. **Linguistic Inquiry**. n. 19: 181–203, 1988.
- KEYSER, S. J.; ROEPER, T. On the Middle and Ergative Constructions in English. **Linguistic Inquiry**. n. 15: 381–416, 1984.
- KRIFKA, M. et al. Genericity: an introduction. In: CARLSON, G.N.; PELLETIER, F.J. (eds). **The Generic Book**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- MULLER, A. A expressão da genericidade no português do Brasil. **Revista Letras**. n° 55: p. 153–165, jan/jun, 2001.
- REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.
- RODRIGUES, C.A.N. **Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 1998.
- SARAIVA, M.E.F. Iconicidade e a distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo oral do português. IN: DECAT, M. B. N. et al. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p. 15-40.
- TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão**. 3 ed. Uberlândia: Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.